

**Victor Henrique de Morais Schons**

Graduando em História, Universidade  
Federal do Paraná.

Email: [v.henrique.m.s@gmail.com](mailto:v.henrique.m.s@gmail.com)

## FASCISMO VIRTUAL, ÓDIO E... MEMES: Discurso de ódio e fascismo na /pol/

**Resumo:** Conhece-se o submundo cibernético dos *chans*, fóruns de discussão aberta e anônima, como um epicentro virtual da produção de memes, ainda assim é preciso reconhecer também a sua outra faceta: a fascista e odiosa. Neste artigo, os discursos de ódio do subfórum /pol/ (“politicamente incorreta”) do 4chan são analisados com base na metodologia da *Netnografia* de Kozinetz. Será proposta, aqui, uma reflexão sobre a instrumentalização do humor realizada pelos usuários da /pol/ e como o fenômeno fascista se adaptou a este ambiente virtual, além da apresentação de dados coletados no 4chan que estabeleçam uma imagem da intensidade de seus discursos fascistas e odiosos.

**Palavras-chaves:** 4chan; /pol/; Discurso de ódio; Ódio; Fascismo.

**Victor Henrique de Morais Schons**

Graduando em História, Universidade  
Federal do Paraná.

Email: v.henrique.m.s@gmail.com

## *Virtual fascism, hate, and... memes: Hate speech and fascism on /pol/*

**Abstract:** It is known of the cybernetic underworld of the chans, anonymous and open forums for discussion, as a virtual epicenter of the production of memes, although there is also a need for reconizing its other facet: the fascist and hateful one. In this article, hate speech on 4chan's subforum /pol/ ("politically incorret") is analyzed based on the methodology from Kozinet's Netnografy. A reflection is to be proposed on the instrumentalization of humor done by the users of /pol/, and how the fascist phenomenon has adapted itself to fit into this virtual ambiente, as well as the presentation of the data collected from 4chan in order to establish an image of the intensity of its fascist and hateful speeches.

**Keywords:** 4chan; /pol/; Hate speech; Hate; Fascism.

## *Fascismo virtual, odio y... memes: Discurso de odio y fascismo en la /pol/*

**Resumen:** El submundo cibernético de los chans, foros de discusión abierta y anónima, es conocido como un epicentro virtual de la producción de memes, pero también es necesario reconocer su otra faceta: la fascista y odiosa. En este artículo, los discursos de odio del subforo /pol/ ("políticamente incorrecta") del 4chan son analizados utilizando la metodología de la Netnografía de Kozinetz. Aquí se propondrá una reflexión sobre la instrumentalización del humor realizada por los usuarios de la /pol/ y cómo el fenómeno fascista se ha adaptado a este entorno virtual, además de la presentación de datos recogidos en el 4chan que establezcan una imagen de la intensidad de su discursos fascistas y odiosos.

**Palabras-llaves:** 4chan; /pol/; Discurso de odio; Odio; Fascismo



## 1. INTRODUÇÃO

No dia 06 de janeiro de 2021, na capital dos EUA, reuniu-se uma gigantesca turba agitada por um líder político entorno do Capitólio. Com sentimentos de revolta, posicionaram-se contra os poderes constituídos da nação. E a confusão foi instaurada quando a multidão se lançou contra a sede do parlamento estadunidense, invadindo o prédio às centenas para evitar com que o resultado das eleições presidenciais de 2020 (que deram vitória ao democrata Joe Biden) fosse validado pelo corpo legislativo. A fotógrafa Evelyn Hockstein, a serviço do jornal americano *The Washington Post*, clicou a seguinte foto (figura 1):



Figura 1: Manifestantes no Capitólio portam bandeiras do país fictício “Kekistan”. Fonte: (HOCKSTEIN, 2021, n.p.).

Notavelmente, podem ser visualizados na fotografia manifestantes com bandeiras um tanto desconhecidas em punhos. Afinal, quê são elas? Para saber o significado por trás do estandarte, precisamos descobrir o *submundo virtual da /pol/*.

A */pol/*, ou *politically incorrect*, isto é, “politicamente incorreta”, é uma seção do notório

*website* 4chan. O 4chan nasceu em 2003, das mãos do programador Christopher Poole. É um fórum de discussão anônima sobre temas dos mais variados, incluindo *animes*, literatura, esportes, música, política e aleatoriedades. O 4chan é o mais conhecido e acessado dos *chans*, ou *imageboards*, que no geral apresentam o mesmo *layout* e modo de funcionamento.

A questão é que o 4chan, ou melhor, a seção onde se discute política (a */pol/*), tornou-se infame pela proliferação de discursos de ódio e ideologias fascistas. Nesta seção, a presença de postagens discriminatórias ou até mesmo incitando violência contra minorias é de todo comum. Aqui pode, então, ser encontrado um grave problema.

Muito se conhece, por toda a *internet*, o 4chan como o epicentro da produção de diversos memes que viralizam e circulam pelo resto do mundo virtual. Alguns memes são despidos de intenções políticas e/ou odiosas. Todavia, sua vasta maioria se apresenta como ofensiva aos seus inimigos declarados, sejam os judeus, os negros, a esquerda política, os imigrantes, etc. Por isso, os usuários da */pol/* assumem para si o título de “politicamente incorretos”.

Não pense o leitor que os *anons*<sup>7</sup> são disseminadores do ódio por vias implícitas, ou que são fascistas às escondidas: eles o são descarada e publicamente. A ferramenta do anonimato lhes opera a favor, já que ninguém, a princípio, tem responsabilidade pelo que posta. Num *chan*, qualquer internauta pode publicar o que bem entender sem ser conhecido por tê-lo feito.

Neonazistas, racistas, antissemitas e demais celerados do mundo virtual se unem em um antro supostamente “livre” para discutir<sup>8</sup> política,

<sup>7</sup> *Anon* é a abreviação de *anonymous* (“anônimo”), que é a referência nominal de todos os membros da comunidade de qualquer *chan*, já que as postagens são desprovidas de qualquer identidade (não há *login*, nomes, assinaturas ou fotos de perfil). Os usuários dos *chans*, portanto, chamam-se uns aos outros de “*anon*”.

<sup>8</sup> Num dos *posts* fixos da */pol/*, lê-se que ela é dedicada à “discussão de notícias, eventos mundiais, questões políticas e outros tópicos relacionados” (ANÔNIMO, 2017, n.p. apud 4CHAN, 2021, n.p., tradução minha). E, nisso, os moderadores da seção são demasiado negligentes com o conteúdo postado, preferindo assumir uma postura supostamente “aberta” a qualquer tipo de posição e argumento.



acontecimentos internacionais e, também, para compartilhar memes com tal teor. Um dos memes que viralizou por volta do ano de 2017 (DON, 2021, n.p.) é a existência de uma nação fictícia, que seria lar e abrigo para os *kekistanis*<sup>9</sup>, os supostos “habitantes” da /pol/. Não há “Kekistan” (“Kekistão”): é meme, é chiste; a bandeira da recém-inventada da nação seria, obviamente, uma imitação da insígnia militar da Alemanha Nazista. Estandarte este que aparece na figura 1. Aquecidos por discursos virtuais, alguns *anons* partem para realizar, na prática, o que circula nos fóruns como simples retórica ou meme.

Toda vez que um *anon* parte para uma ação concreta e tangível fora da *internet*, os meios são violentos e as consequências são danosas. Para além do acontecido no Capitólio estadunidense, é possível citar os três atentados terroristas de 2019 vinculados a usuários do 8chan (outro *chan* similar): os de Christchurch<sup>10</sup>, os de Poway<sup>11</sup> e o de El Paso<sup>12</sup>. Estes três extremistas de direita buscaram realizar chacinas<sup>13</sup> motivados por ideias excludentes, discriminatórias e ardentemente odiosas. Mobilizaram-se em uma “missão” para “salvar a civilização ocidental” dos islâmicos, dos judeus, dos imigrantes mexicanos. Tudo isso é evidenciado pelos manifestos políticos que eles deixaram publicados no 8chan antes ou durante os atos terroristas.

O presente artigo tem por intuito perscrutar o conteúdo fascista e odioso postado na seção /pol/

do *website* 4chan. Quais são os discursos de ódio e os discursos fascistas publicados ali? Como eles aparecem? São eles de fato danosos socialmente?

No livro *Netnografia* (2014), Robert Kozinets propõe um método homônimo para a análise de culturas e comunidades virtuais. É uma abordagem antropológica aproximada da etnografia, que busca, pelo engajamento pessoal do pesquisador com o sujeito estudado, compreender uma cultura ou ambiente social. Assim ancorado, valho-me da *observação participante*<sup>14</sup> do etnógrafo para acessar e permanecer no 4chan enquanto usuário. Desse modo é que, antes motivado por curiosidade e, hoje, por finalidade de pesquisa científica, adentro nesses webespaços com a intenção de compreender sua linguagem interna, decodificando suas estruturas e produzindo uma descrição tão complexa quanto posso.

## 2. A FUNDAÇÃO HISTÓRICA DA /POL/

Sabe-se, historicamente, que a fundação da /pol/ enquanto *board*<sup>15</sup> do 4chan remonta a novembro de 2011. Antes dessa data, muitos *anons* se reuniam na *board* destinada à discussão do noticiário para disseminar o ódio contra minorias. Diante do problema, a administração do *website* criou outro subfórum: a /pol/, com a intenção de ilhar todos os que compartilhavam de perspectivas odiosas e excludentes. Assim, buscou-se deslocar todos os racistas e antissemitas do 4chan para um

---

O que acontece, porém, é que pessoas que discordam dos pensamentos hegemônicos (isto é, fascistas e racistas no geral), acabam por serem vexadas pelos demais membros, que exercem uma pressão em coletivo para que haja, ali, uma supremacia da extrema-direita.

<sup>9</sup> “KEK” deriva da alteração que o jogo *World of Warcraft* realiza da expressão “LOL”. A risada, então, é mesclada com o gentílico “*pakistani*” (“paquistanês”).

<sup>10</sup> 15 mar. 2019: Brenton Tarrant abriu fogo contra fiéis muçulmanos em duas mesquitas na cidade neozelandesa.

<sup>11</sup> 24 mar. 2019: John Earnest incendiou uma mesquita em Escondido, nos EUA; 27 abr. 2019: Earnest abriu fogo contra fiéis judeus em uma sinagoga da cidade americana de Poway.

<sup>12</sup> 3 ago. 2019: Patrick Crusius abriu fogo contra pessoas aleatórias num Walmart da cidade americana, perto da fronteira com o México.

<sup>13</sup> Aqui, é necessário explicar que o significado do termo é literal. Não foram atos no mundo virtual, mas sim ataques físicos com arma de fogo contra outras pessoas em 2019.

<sup>14</sup> Método comum para a etnografia. O observador insere-se no meio que deseja analisar, coletando dados mediante à entrevistas, estatísticas e anotações de uma observação interativa no seio da comunidade social escolhida.

<sup>15</sup> Cada seção dos fóruns recebe o nome de *board*: “tábua”. Há, dessa forma, uma *board* para cada tema a ser discutido.



canal próprio destinado a eles. De acordo com a jornalista Christine Lagorio-Chafkin (2018, p.i., tradução minha), a /pol/ surgiu “para sifonar e conter os comentários e memes abertamente xenofóbicos e racistas de outras partes do 4chan”.

Até hoje, a administração do *site* é negligente com o conteúdo postado na seção, assim como no resto de todo o fórum, afinal, o ódio, com o tempo, não conseguiu se manter contido tão somente na /pol/ e irradiou extramuros.

O 8chan também possuía uma seção denominada /pol/ até sua queda, quando da ocorrência da chacina de Christchurch, em 2019. A polêmica ao redor do *website* ter motivado os assassinatos pressionou os seus *hosts* (provedores), deixando o *site* fora do ar, que renasceu pouco tempo depois. Hoje, a /pol/ do 8chan foi substituída por um subfórum absolutamente idêntico, batizado de /pnd/, ou seja, “*politics, news, debate*” (“política, notícias, debate”).

É comum que os usuários chamem o 4chan de “*half*” (“metade”), enquanto que intitulem o 8chan de “*infinite*” (“infinito”),

devido ao seu símbolo ser o algarismo 8). E faz sentido dizer que o 4chan é apenas *metade* do extremismo do 8chan. Este último surgiu com a proposta de ser mais permissivo e grave que aquele (CONWAY; SCRIVENS; MACNAIR, 2019, p. 12). Assim, conteúdos banidos de se discutir no 4chan são aceitos no 8chan. A rede de ódio é ainda maior. O antigo provedor do *infinite* declarou, na nota de desligamento do *website* em 2019, que o fórum se tornou uma “fossa de ódio” e um ambiente “sem lei” (PRINCE, 2019, n.p.). O próprio design do 8chan é mais “aberto”, já que os usuários têm o

poder de criar suas próprias seções dentro do *site*. Dessa forma, tem-se o *half* como mais restrito, limitado e moderado, devido à sua estrutura e potencial banimento de certos temas<sup>16</sup>, e o *infinite* como mais desregrado, condescendente e desobstruído. Embora ambos tenham, no geral, o mesmo conteúdo memético e odioso e a hegemonia do fascismo.

### 3. O CONTEÚDO: MEMES E RETÓRICA ODIOSA

Dois pesquisadores da área de Cultura e Mídia da Universidade de Amsterdam, Marc Tuters e Sal Hagen publicaram em 2020 o artigo “(((They))) rule: Antagonismo memético e nebulização do outro no 4chan”. Este é um estudo onde os autores analisam criticamente um meme de caráter antisemita (os “parênteses triplos”), que circula pela webcomunidade do 4chan. Discute-se, no texto, como se pode instrumentalizar o humor

para fins da criação de um antagonismo contra os “inimigos” idealizados, numa mentalidade *us versus them* (“eles contra nós”); e

também de um *nebulous other* (“outro nebuloso”), isto é, forma-se uma imagem negativa e abstrata de um adversário.

O meme do caso, os “parênteses triplos”, opera de forma simples: tudo que for judeu, ou que pertence a eles, é rotulado no interior de três parênteses. Por exemplo, o título do artigo é “(((They))) rule”, isto é, “(((Eles))) governam”. A intenção de uma frase como essa é propagar a ideia,

**Anonymous** ID: 6g5PBPRK Thu 18 Feb 2021 20:35:52 No.308736236 [View](#) [Report](#)  
>>308735762  
women are yin and men are yang.  
we compliment each other not hate each other.  
The battle of the sexes is just more jewish bullshit pushed by (((hollywood)))

**Figura 2:** Um usuário indica que a “batalha dos sexos”, de antagonismo entre feminino e masculino, é uma ideia empurrada pela agenda “judia” de Hollywood. Fonte: (ANÔNIMO, 2021, n.p. apud 4PLEBS, 2021, n.p.).

<sup>16</sup> A administração do 4chan, por exemplo, em 2011 proibiu as referências ao desenho *My Little Pony* (que tinha virado moda

no fórum), além de similarmente banir a discussão da controvérsia do *Gamergate* em 2014.



embasada em conspiracionismo<sup>17</sup>, que os judeus são a eminência-parda regente de todo Estado, da mídia, da educação acadêmica, etc. Dessa forma, o antissemitismo é disseminado na rede através da culpabilização da minoria judaica pelo controle mal-intencionado do mundo.

Ademais, dentre os conteúdos que mais regularmente aparecem dentro do espaço dos três parênteses no 4chan, Tuters e Hagen apresentam sobrenomes judeus; instituições como os bancos, a democracia e a ciência; líderes políticos e nações; instituições da mídia (como o jornal *CNN* ou *Hollywood*); entre tantos outros (MAURI e outros, 2017, n.p. apud TUTERS; HAGEN, 2020, p. 2229).

O conceito de *instrumentalização do humor* é útil para se entender a produção dos memes de raiz intolerante, como é o caso. Não se trata de simples e inocente comédia: esses memes servem para a disseminação de discursos de ódio e para a perseguição *online* de minorias<sup>18</sup>. Assim, usa-se do humor para praticar o ataque. Para Tuters e Hagen (2020, tradução minha), a “valência supostamente

humorada no discurso do 4chan” indica tão-somente a “oposição a um adversário político”, que, em questão, é o judeu. Embora ambos os autores não se valham do termo *instrumentalização do humor*, é bom tê-lo em mente, pois traz à tona a problematização do uso indevido e proposital do humor para uma causa discriminatória. O *anon*, sob essa perspectiva, adota o humor como meio para um fim determinado; fim este externo à comédia *per se*. É nisso que proponho que o humor é instrumentalizado. Aqui, para intentos de ataque.

Deve-se perceber, contudo, que nem todo material presente nos *chans* tem intenção humorada. Pode-se afirmar, na

realidade, que nesses fóruns existe uma bipartição do conteúdo, temos **a)** o conteúdo satírico, dos memes, da instrumentalização do humor; **b)** o conteúdo formal, dissertativo e retórico. Ambos são portadores dos discursos de ódio que já mencionei acima. E é claro que a divisão entre esses dois pólos não é algo rígido e intransponível, já que, por exemplo, um meme pode ser um veículo para argumentos compartilháveis durante uma discussão, enquanto que um texto formal teórico pode ser

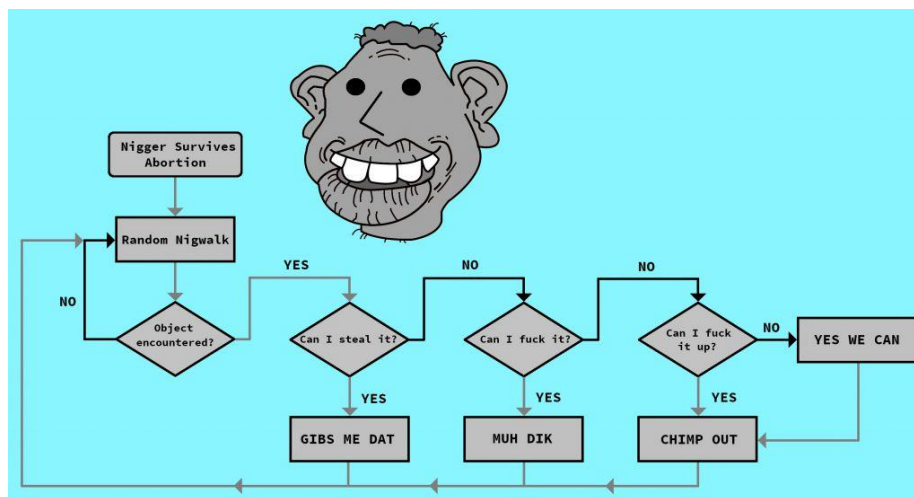


Figura 3: Um meme é usado de veículo para disseminar o ódio. Na imagem, caracteriza-se o negro como nada além de um ladrão, um estropador ou um vândalo. (ANÔNIMO, 2021, n. p. apud 4PLEBS, 2021, n. p.).

<sup>17</sup> A viralização de teorias da conspiração nascidas nos *chans* é muito corriqueira. Um exemplo claro e recente é a teoria *QAnon*, que defende que o ex-presidente americano Donald Trump, junto com aliados militares, estaria agindo de modo a frustrar os planos de dominação mundial de um círculo oculto de pedófilos da elite. A *QAnon* tornou-se um movimento popular internacionalmente conhecido.

<sup>18</sup> A motivação por trás do comportamento dos *anons* pode e está sendo mais investigada segundo prismas psico-

sociológicos. Bishop (2013) estabelece uma relação entre o *troll* de internet e o transtorno antissocial. Buckels, Trapnell e Paulhus (2014) apontam para o “sadismo, a psicopatia e o maquiavelismo” como a essência da trolagem. Nevin (2015) faz um extenso estudo sobre o que chama de “ciberpsicopatia”. Tudo isso, creio eu, pode ser usado para explicar os porquês das posturas extremistas e ações agressivas dos *anons*.



carregado de “humor”. O formato é visualizado na figura 3.

Não se deve, então, resumir os *chans* à produção de piadas. É impossível desvincular estes sites da proliferação de discursos políticos, da criação de agendas políticas e da proposição de argumentos e ideias não irônicas sobre o mundo. Aqui, não estou falando de memes como propaganda política imagética, nem de discursos subliminares subscritos em frases satíricas, embora estes sejam parte essencial do conteúdo desses fóruns. Refiro-me à retórica escrita em textos, críticas, comentários dissertativos acerca de eventos e personalidades políticas, bem como à argumentação em pontos e à produção de textos mais formais e sérios que jocosos. Nesse tipo de material também reina o ódio, a intolerância e os princípios fascistas.

Para mais, é interessante notar que a fonte de pesquisa de Tutters e Hagen foi a ferramenta *online* 4plebs, que arquiva automaticamente todas as publicações de determinadas seções do 4chan, incluindo a /pol/ (TUTTERS; HAGEN, 2020, p. 2228). Esse arquivo virtual, que funciona desde novembro de 2013 até o presente, é de acesso gratuito e fácil. A partir dele, é possível nos debruçarmos sobre todas as publicações na /pol/ desde o início do funcionamento do 4plebs. Munido dessa ferramenta, foi buscado na plataforma quantas vezes certos termos discriminatórios foram usados ao longo do tempo na /pol/ (até 18 de fevereiro de 2021)<sup>19</sup>. O resultado está na seguinte relação:

**Termo: Quantidade de postagens contendo o termo**

- Nigger(s)<sup>20</sup>: 8,882,461
- Kike(s)<sup>21</sup>: 2,953,412
- Mudslim(s)/Mudslime(s)<sup>22</sup>: 269,300
- Sandnigger(s)<sup>23</sup>: 270,905
- Fag(s)/Faggot(s)<sup>24</sup>: 7,696,530
- Whore(s)<sup>25</sup>: 902,685

**TOTAL (das postagens acima): 20,975,293**

**TOTAL (de todas as postagens não filtradas): 284,769,906**

(4PLEBS, 2021, n.p.)

A partir deste cálculo, pode-se concluir, que pelo menos 7,36%<sup>26</sup> de todas as publicações já enviadas por qualquer usuário na /pol/ do 4chan (desde 29 nov. 2013 até o dia 18 fev. 2021) continham os termos discriminatórios e odiosos citados acima. Na relação, apenas foram consideradas palavras que aparecem mais comumente no vocabulário de um *anon*.

Analiso, além disso, uma *thread*<sup>27</sup> iniciada em 11 de maio de 2021, intitulada “*What do you think about nazis[?]*”, isto é, “O que você pensa sobre os nazistas[?]” (WHAT, 2021, n.p.). Meu esforço foi coletar as informações presentes nas respostas dadas pelos *anons* que participaram desta *thread* em específico. Das 77 *replies* no total, temos que apenas 25 usuários diferentes responderam à questão original (acerca dos nazistas). Por outro lado, parte considerável, que não considero nesses 25, foi o desenrolar de discussões paralelas ou que fugiam ao tema inicial. Enfim, foram 36% os que se expressaram negativamente quanto aos nazistas,

<sup>19</sup> Para tanto, acessei <https://archive.4plebs.org/pol/> e realizei a pesquisa por meio da filtragem de postagens, donde recebi apenas aquelas que continham as palavras desejadas.

<sup>20</sup> Termo pejorativo para pessoas negras.

<sup>21</sup> Termo pejorativo para pessoas judias.

<sup>22</sup> Termo pejorativo para pessoas muçulmanas.

<sup>23</sup> Termo pejorativo para pessoas do Oriente Médio.

<sup>24</sup> Termo pejorativo para pessoas homossexuais.

<sup>25</sup> Termo pejorativo para pessoas do gênero feminino.

<sup>26</sup> Pode parecer uma porcentagem inexpressiva, mas há de considerar que o 4chan é uma *imageboard*. Ou seja, ali se compartilham mensagens textuais bem como imagéticas. Muitas imagens (como a figura 3) contêm os termos discriminatórios e não foram contabilizadas nesta análise.

<sup>27</sup> Uma *thread* (“fio”), no conceito desses fóruns, trata-se de um *post* inicial (“*OP*”, “*original post*”) e as suas subsequentes respostas. Assim, faz parte de uma mesma *thread* todo o conteúdo desde o primeiro *post* até o fim do “fio” com o último comentário. Todo e qualquer comentário faz parte da *thread*, e não necessariamente são exclusivos do autor original.



enquanto que 64% fizeram o oposto. Não se pode ignorar, contudo, que um thread desta dá palco, no 4chan, para as pessoas que discordam dos discursos hegemônicos. Quero dizer que os 36% não são tão expressivos no *website* todo quanto eles são neste thread em particular. Isso porque, sendo que a /pol/ já é dominada hegemonicamente pelos discursos fascistas, uma pessoa que concorde com os nazistas tenderá a simplesmente ignorar a existência deste thread. Mas um *anon* que pense diferente acaba se sentindo desinibido, aqui, para expressar-se antagonicamente ao ambiente.

Para mais, vale também notar que parte importante das pessoas que se expressaram contra os nazistas não o fizeram por serem menos fascistas. A primeira resposta antinazista foi um meme inorizando os neonazistas, ao que parece provir de um *troll*. A 6ª e a 71ª respostas também são negativas, mas partem igualmente de *trolls*. Estes *trolls* receberam investidas de outros *anons*, que os chamaram de “*kikes*”, “*niggerfaggots*” e “*jews*”. Já outras respostas, como a 22ª, a 24ª, a 27ª e a 68ª, têm visões desfavoráveis dos nazistas pois acreditam que o processo histórico do nacional-socialismo foi uma conspiração para dar vantagem aos judeus. Ou seja, busca-se pintar Hitler como “marionete” dos “sionistas”; afinal, no raciocínio, as consequências do Holocausto foram supostamente “favoráveis” para o povo judaico. Outra pessoa, da resposta número 26, afirma que os nazistas deveriam ser “fuzilados assim como os comunistas”, já que mancharam a imagem do nacionalismo internacionalmente. E outros encaram o nazismo como sendo o arruinador da Europa (resposta 37) e uma ideologia só defendida por “retardados inúteis” (resposta 42). Não obstante, o autor deste último *post* em outro momento<sup>28</sup> fala que os britânicos “são piores que os pretos [*niggers*]”.

Outros, como visto nas respostas 1, 73 e 77, observam como sendo os problemas do Terceiro

Reich três coisas (respectivamente): 1) o de terem matado poloneses; 2) o de terem “invadido todo mundo” e perdido a guerra; 3) o de terem falhado por criarem inimizade com quase todo o mundo. Assim é possível notarmos o que esses usuários enxergam de errado no nacional-socialismo: eles o condenam por razões que não o ódio e o extermínio.

Enquanto isso, os favoráveis, maioria indiscutível, geralmente classificaram os nazistas como simplesmente “*based*”<sup>29</sup> (resposta 39) ou mesmo “homens decentes” (resposta 59). Alguns foram além, respondendo à pergunta original com “eu gosto de mim mesmo” (resposta 4) ou “eu acho que eu sou um cara bem legal” (resposta 17).

#### 4. UM FASCISMO VIRTUAL E FRAGMENTADO

Sem sombra de dúvidas, no ambiente virtual da /pol/, enxerga-se uma presença hegemônica do ideário fascista. Os *chans*, contudo, são fóruns virtuais, utilizados por toda sorte de indivíduos, velhos ou novos, de todos os cantos do mundo, de classes sociais abastadas ou não. Embora os *anons* concordem em uma série de questões, o *ser fascista* para um é diferente do *ser fascista* para outro. A princípio, os *chans* são fóruns de discussão, e a discordância é a pedra fundamental do seu funcionamento.

No ano de 1999, o astro musical David Bowie concedeu uma entrevista ao canal *BBC*. Nela, Bowie reflete sobre o que se poderia esperar da *internet*, então um assunto em voga:

Sempre há dois, três, quatro lados para toda questão, de modo que a singularidade desapareceu. E isso, creio eu, produziu um meio tal como a *internet*, que absolutamente estabelece e nos mostra que estamos vivendo em

<sup>28</sup> É verdade que todas as postagens são anônimas. Porém, na /pol/, dentro de uma mesma *thread* (ver nota 21), se um usuário posta múltiplas vezes, o seu ID (código de identificação) o revela. Isto é, pode-se notar que uma mesma pessoa postou mais de uma vez dentro de uma mesma *thread*, sendo possível

saber quantos e quais *posts* são de autoria desta mesma pessoa. Isso só vale dentro da *thread*.

<sup>29</sup> *Based* é uma gíria recorrente nestes ambientes virtuais. Designa algo ou alguém concordável, razoável, certo.





total fragmentação. (BOWIE, 2016, não paginado, tradução minha).

A /pol/ ilustra essa total fragmentação virtual: nada é único. Antes, a /pol/ é uma amálgama de vários fascistas das diferentes vertentes, sejam falangistas, neonazistas, seguidores de Oswald Mosley ou então do movimento da *alt-right* à americana. Atrás de um computador, cada *anon* é o líder da própria causa, vai atrás das próprias leituras e arquiteta os próprios argumentos. Há uma ausência de lideranças claras e também uma liquidação do clássico “coletivo uniformizado” fascista (como eram, a título de exemplo, os *camisas negras* italianos). Ao se analisar esta comunidade virtual, nota-se que cada um segue sua ideologia de acordo com sua própria vontade, raramente agindo de forma sincronizada e selecionando individualmente os objetivos que realiza ou busca realizar. Os *anons* partem em uma cruzada que, embora seja compartilhada com outros desconhecidos na internet, tem essência pessoal e independente.

O único ponto convergente é o fascismo basilar ou, como o filósofo Umberto Eco diria, o “fascismo eterno”. Entre as diversas manifestações do fascismo, do nacional-socialismo de Hitler até o integralismo de Plínio Salgado, existem elementos similares, típicos de todos os movimentos fascistas. O encontro desses elementos em comum é definido por Eco como *ur-fascismo* ou *fascismo eterno* (ECO, 1995, p. 5). Dentre essas propriedades, Eco (1995) cita o culto à tradição, a aversão ao diferente, o nacionalismo exacerbado, entre outros. É nesse sentido que, embora nem todos os *anons* admirem Mussolini, quase a totalidade deles é nacionalista tanto quanto o *Duce*. O *ur-fascismo* é maleável de acordo com o espaço e o tempo, já que é o “mínimo fascista”. Logo, alguém pode ser considerado fascista por cumprir os “requisitos básicos” mesmo que não se ligue a um movimento. E é nesse sentido que explico o fascismo dos *anons* com a terminologia de Eco: nem todos concordam em todo e qualquer ponto e nem seguem um manifesto

específico, mas todos se têm por fascistas devido ao compartilhamento do “mínimo fascista”.

Aliás, é necessário notar que os *anons* mesmos se autointitulam fascistas, neonazistas, “nacionalistas étnicos”, entre outros. Brenton Tarrant (2019), o assassino xenófobo da Nova Zelândia, proclama: “me considero um eco-fascista por natureza”. Ora, não são todos os fascistas que buscam uma relação “eco” com o meio ambiente, e isso distancia Tarrant de outros *anons* que, por exemplo, tenham uma visão mais modernizante e industrialista. No entanto, Tarrant é tão fascista quanto a quase totalidade dos usuários dos *chans*.

Robert Paxton (2007), embora seja prudente e evite classificar modelos de “fascistas” (reduzindo-os aos do Eixo), nos legou uma fórmula para saber identificar fenômenos fascistas. Nela, inclui-se a “preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade”, observável quando os *anons* criam teorias da conspiração envolvendo elites “cultistas e pedófilas”<sup>30</sup> ou judaicas; o culto à “pureza”, sendo que na /pol/ sempre está em voga a purificação étnica de nações; além de “militantes nacionalistas engajados” que “repudia[m] as liberdades democráticas e passa[m] a perseguir objetivos de limpeza étnica” por meio de uma “violência redentora” (PAXTON, 2007, pp. 358-359). Embora Paxton restrinja o fascismo historicamente, tenho de assumir uma postura que classifique também o fascismo nos *chans* como tal. Afinal, os *anons* se valem do ideário dos movimentos tradicionais (alemão e italiano) para recriar a sua versão de um fascismo pessoal, que permanece perseguindo os mesmos objetivos e proferindo as mesmas palavras de ordem que Hitler e Mussolini.

Nisso tudo, vale entender que os *anons* da /pol/ buscam reviver os fascismos de maneira complexa, assumindo como bandeira as divergentes aparições na história desses movimentos e ideologias. Em exemplo, a característica neopagã e anticristã do nazismo alemão (ECO, 1995, p. 5) é

<sup>30</sup> *QAnon*; ver nota 11.



revivida por alguns *anons*. Diariamente aparecem publicações e discussões sobre a religião cristã ser degenerada e corrompida em sua essência, ou quase sempre ela é denunciada por ter raízes judaicas (visto no meme da figura 4). Mas, por outro lado, existem usuários que defendem a cristandade (figura 5) e seu valor para a construção da civilização ocidental. Estes últimos entendem a religião de Cristo (aqui visto como inimigo dos judeus) como um bastião da sociedade ordenada, isto é, da sociedade branca. Afinal, como afirma Eco (1995, tradução minha), o fascismo é “uma colmeia de contradições”.

## 5. AÇÕES: OS ANONS MOBILIZADOS

Como observado, temos um fenômeno virtual do fascismo nada coeso, mas atomizado. É um movimento fluido no tocante às relações indivíduo-coletivo. Mas isso não quer dizer que, por vezes, os *anons* não se unam em um projeto específico e compartilhado. Na verdade, os *anons* decidem por própria consciência os seus passos, não se entregando, como foi usual nos Estados totalitários (ECO, 1995, p. 3), às vontades de um líder máximo e inquestionável. Vez ou outra, se assim o querem, os usuários da /pol/ participam de ações coordenadas, as quais nos faz lembrar – e com certeza os faz lembrar – de fronteiras como a *Sturmabteilung*. Como a SA, os *anons* acabam também por formar uma milícia, um movimento que atua por meio da violência na esfera cibernética e também no “mundo real”.

A violência por meios virtuais geralmente se dá através do *cyberbullying* e da perseguição. Um grande evento que exemplifica isso foi a polêmica

I don't care he's a jew  
He's my Saviour  
YOU'RE the jew  
fuck you

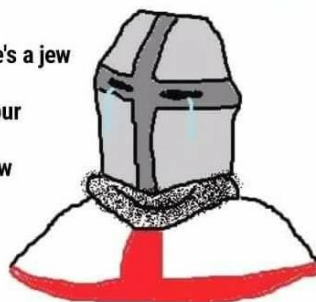


Figura 4: Meme anticristão aponta para a etnia judaica de Cristo, ironizando os cristãos que acessam a /pol/. Fonte: (ANÔNIMO, 2021, n.p. apud 4PLEBS, 2021, n.p.).

## BEGOME GADOLIG :DDD



Figura 5: Meme cristão, variante do “Spurdo Spärde”, convida outros *anons* a se tornarem católicos. Fonte: (ANÔNIMO, 2021, n.p. apud 4PLEBS, 2021, n.p.).

do *Gamergate*, que teve seu auge em 2014. O *Gamergate* consistiu em determinados coletivos de usuários da internet, sobretudo de *gamers*, iniciarem uma campanha de boicote e perseguição a mulheres que quisessem entrar na indústria dos *games* ou participar da comunidade *gamer*. A controvérsia foi um retrato mais do que conciso de que internautas, movidos pelo ódio, são capazes de mobilizar a *web*. Os apoiadores dessa campanha misógina

agruparam-se em *sites* como o 4chan para coordenar as ações, que vitimavam mulheres jornalistas, desenvolvedoras de jogos, etc. O 4chan foi alvo de duras críticas na imprensa e na mídia devido a estar sendo negligente com os seus membros, que planejavam livremente estratégias de assédio. Após grande pressão, a administração do *site* banuiu as

menções ao *Gamergate*, o que fez com que muitos usuários, insatisfeitos com a regulação, migrassem para o 8chan, que se mostrava mais “aberto” ao conteúdo. A controvérsia é tida como o “momento em que os *trolls* da internet descobriram a maneira de atuar como um movimento político” (VICE, 2019, n.p.).

Para mais, é de todo comum, nos *chans*, surgirem “*operations*” (“operações”). O seu conceito é simples: os usuários se unem em prol de uma causa e planejam nos *sites* como realizar uma determinada “operação”, que geralmente carrega tom de trolagem. Dentre *operations* conhecidas da /pol/, pode-se listar a “*It’s Okay To Be White*” (2016), a “*O-KKK*” (2017) e a “*Capture The Flag*” (2017).

“*It’s Okay To Be White*” (“Está tudo bem ser branco”). Era essa a mensagem que vários cartazes, distribuídos desde 2016 por espaços públicos dos Estados Unidos, portavam. A ideia era “alimentar descontentamento social e levar americanos brancos para ideologias de extrema-direita” (ROSS, 2017, n.p.). Levar a público essa frase era uma estratégia,



ou melhor, uma *prova de conceito* de que, segundo os *anons*, os “brancos são perseguidos”. O raciocínio era: se ser branco não é OK, então a sociedade e a mídia vão reagir negativamente aos cartazes. Com certeza, partia-se da suposição de uma conspiração contra a raça branca, ao invés de se reconhecer a realidade do branco como indivíduo privilegiado. Não obstante, o plano fez sucesso na /pol/, e muitos *anons* aderiram à operação imprimindo e colando a mensagem por diversas áreas públicas.

Em 2017, um usuário publicou a ideia de se realizar uma outra operação, intitulando o *post* de “*Introducing: Operation O-KKK*” (“Introduzindo: Operação O-KKK”). Aqui, mistura-se a expressão “OK”, que é gesticulada pela união do polegar com o indicador e o resto dos dedos em riste, com o termo KKK (Ku Klux Klan). A intenção, no caso, era simplesmente trolar por meio da desinformação: vincular-se-ia o gesto de mão com o ideário supremacista branco. Deu certo: o gesticular do “OK” tornou-se um símbolo do *white power*, de acordo com a imprensa (SWALES, 2019, não paginado). E a /pol/ adotou para si o novo símbolo. O fascista e *anon* Brenton Tarrant, quem realizou os ataques terroristas de Christchurch, fez o gesto com a mão direita durante o seu primeiro julgamento (figura 6).

Vale também recordar da operação “*Capture The Flag*” (“Pique-bandeira”), que aconteceu ao longo do ano de 2017. Os *anons*, dessa vez,



Figura 6: Brenton Tarrant faz o símbolo “OK” com a mão em julgamento. Fonte: (AL JAZEERA, 2019, n.p.).

procuraram irritar o ator Shia LaBeouf, que lançou uma campanha militante contra Trump denominada “*He Will Not Divide Us*” (“Ele não vai nos dividir”). Ora, se Trump era um símbolo da nova direita à sua época, muitos dos *anons* o viam com bons olhos. Portanto, o que fosse contra o recém-eleito presidente era também adversário de grande parte da /pol/, se não de toda ela.

LaBeouf iniciou sua militância a partir da instalação de uma câmera no *Museum of the Moving Image*, em Nova Iorque, no dia da inauguração de Donald Trump, a 20 de janeiro de 2017. A campanha consistia na repetição do *slogan* “ele não vai nos dividir” 24 horas por dia numa transmissão ao vivo no pátio do museu. Muitas pessoas, solidarizando com a causa do ator, juntaram-se em frente à câmera para protestar, proferindo o mantra incessantemente. A projeção da duração da campanha era até o encerramento do mandato de Trump. Mas os *trolls* dos *chans* não se mantiveram quietos; antes, buscaram sabotar o projeto de LaBeouf. *Anons* passaram a invadir a *live-stream* para zombar do ator e da sua iniciativa. Mensagens pró-Trump, bordões e imagens meméticas (Figura 7), bem como manifestações absurdamente ridículas explorando o *non-sense*<sup>31</sup> acabaram promovendo a fúria de LaBeouf (KRANGZ, 2017, n.p.). Ao longo da campanha, o ator migrou da transmissão ao vivo do pátio do museu para a transmissão de uma bandeira contendo a frase-título do projeto tremulando ao vento de um local remoto.

Os *anons* não se deram por vencidos e, então, procuraram por todos os meios encontrar a

<sup>31</sup> No vídeo “he will not divide us BEST TROLL MOMENTS ★” (KRANGZ, 2017), vê-se, por exemplo, um *troll* repetindo o mantra de LaBeouf repetidas vezes com uma entonação de

voz extremamente estridente. Outro *troll* aparece, na gravação, berrando de forma infantil enquanto os demais levam “a sério” a manifestação.





localização da bandeira na chamada operação “Pique-bandeira”. Membros da /pol/ do 4chan e do 8chan se uniram para observar os movimentos do vento, o ângulo da câmera e até para triangular o trajeto de aviões que passavam ao fundo da *live-stream* a fim de saber onde estava o estandarte. E o acharam (H DRONE, 2017a, n.p.), substituindo a bandeira de LaBeouf por um boné vermelho da campanha presidencial de Trump, junto com uma camiseta do meme “KEK” (H DRONE, 2017b, n.p.).

Embora muitas dessas ações coordenadas da /pol/ possam parecer pura trolagem, devemos entender todas elas como prenes de mensagens políticas. É a mesma ideia da instrumentalização do humor, que comentei sobre anteriormente. São *operations* voltadas contra os adversários políticos dos *anons* e a forma de atuação é a promoção de ideias extremistas ou a violência moral com o desejo de humilhar. Tudo sob a máscara de *slogans* aparentemente inocentes, como “Está tudo bem ser branco” ou então de um suposto humor que, na realidade, está voltado para o ataque.

Na figura 7, pode-se ver um *anon*, invadindo a transmissão do “*He Will Not Divide Us*”, em 2017. Apesar de parecer uma brincadeira inocente um branco simplesmente aparecer com a fantasia da mascote Mac Tonight, do McDonalds, a visão que a /pol/ tem dessa brincadeira é diferente. Para entender a mensagem aqui subliminar é preciso conhecer o contexto. A enciclopédia *online* de memes *Know Your Meme*<sup>32</sup> tem uma página para o

meme em questão, batizado de Moon Man (IDREAMABOUTCHEESE, 2021, n.p.). Trata-se de um emprego diferente do original da mascote da rede de *fast-food*: no meme, o tom é explicitamente racista. Usa-se a imagem de Mac Tonight, que lembra a indumentária da Ku Klux Klan, como um plano de fundo para a divulgação de paródias de rap com versos ofensivos a negros. Os vídeos originais das montagens, é claro, foram excluídos pelo YouTube, como se pode ver ao longo da publicação do artigo sobre o *Moon Man na Know Your Meme* (2021, n.p.).

Por fim, para além das ações coordenadas que já mencionei, também é importante recordar-nos das ações individuais de determinados *anons* na “vida real”. Já citados anteriormente, durante o ano de 2019 foram três ataques terroristas solitários por mãos de *anons*. É sempre necessário se recordar que os *chans* não são tão-somente discussões abstratas acompanhadas de memes e



Figura 7: Uma pessoa não identificada veste uma máscara do meme racista Moon Man durante a transmissão original de Shia LaBeouf. Fonte: (KRANGZ, 2017, n. p.).

*cyberbullying*. Falar de *chan* e de /pol/ também é falar de sangue: estão na responsabilidade dos *anons* pelo menos 75 mortes e 66 feridos<sup>33</sup>. De pequenas crianças até idosos, todos absolutamente inocentes e indefesos; vitimados por jovens radicalizados por *websites* que, embora sejam declaradamente epicentros de ódio e fascismo, ainda permanecem na internet de modo livre, irregular e, quando muito, monitorado por autoridades.

<sup>32</sup> *Know Your Meme* é um *website* que reúne colaboração livre para a produção de artigos sobre memes. O intento é possibilitar qualquer indivíduo contribuir, redigindo, para a enciclopédia a fim de concentrar um conhecimento sobre as

origens e significado de tantos memes quanto for possível. Acessível no endereço <https://knowyourmeme.com/>.

<sup>33</sup> Vítimas somadas dos ataques de Christchurch, Poway e El Paso.





## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas palavras de 1999 de Bowie (2016), que profetizaram as consequências da popularização da internet, ouvimos do *rockstar* que “o potencial do que a *internet* vai fazer com a sociedade, tanto bem quanto mal, é inimaginável”. É inimaginável quantos avanços, para bem, a *internet* nos legou, desde o acesso a documentos e notícias até a mobilização da Primavera Árabe, no início da década de 2010. Contudo, há que se notar também o lado ruim, entristecedor e assustador da *internet*, que nos proporcionou a radicalização de indivíduos para ideologias de extrema-direita, e que os incitou a cometerem assassinatos em massa. No seu manifesto, *The Great Replacement* (2019), Brenton Tarrant responde à questão “de onde você recebeu/pesquisou/desenvolveu suas crenças?” com a breve afirmação: “[da] *internet*, é claro. Você não irá encontrar a verdade em mais nenhum lugar”.

Temos, portanto, que a *internet* é complexa. Mas o que mais quero chamar a atenção é para o seu potencial enquanto arma e catalisadora de ações danosas para a sociedade. Nesse sentido é que, pondero, a *internet* poderia ter mais regulação por parte dos órgãos de autoridade. Afinal, foi em um *chan* que o massacre de Suzano foi gestado e pré-anunciado (SIQUEIRA; GUIMARÃES, 2019, n.p.).

O controle de fóruns como estes deve se tornar pauta de qualquer plano de governo que assuma a promessa de segurança contra o terrorismo, bem como dos poderes que iniciam – ou deveriam iniciar – campanhas contra o *cyberbullying*. Também é indubitável que as democracias de 2021 devem realizar um esforço contra a proliferação do fascismo e do neonazismo, que infelizmente encontram muita liberdade de presença nas redes.

Não obstante, há um perigo que se deve ter em consideração quando assunto do controle governamental da *internet* é tocado. O Estado não deve ter o papel de reprimir a expressão livre dos seus cidadãos nas redes, abusando de uma polícia política que opera de acordo com a ideologia do partido dominante. Deve-se, na verdade, conter *determinados* conteúdos que sejam extremistas em

sua natureza. Não se trata de banir a expressão dos adversários políticos, mas sim de obstruir a radicalização de indivíduos para ideologias de princípios desumanizantes e assassinos.

## REFERÊNCIAS

4CHAN. Disponível em: <https://4chan.org/>. Acesso em: 10 jul. 2021.

4PLEBS. Disponível em: <https://4plebs.org/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

AL JAZEERA. **Brenton Tarrant, 28, sneered as he glared at reporters in court on Saturday, Al Jazeera**. 2019. 1 fotografia, color., 770 x 513 px. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/news/2019/3/16/new-zealand-mosque-attack-suspect-brenton-tarrant-grins-in-court>. Acesso em: 19 fev. 2021.

BISHOP, J. The effect of de-individuation of the Internet Troller on Criminal Procedure implementation: An interview with a Hater, *International Journal of Cyber Criminology*, Ahmedabad, v. 7, n. 1, p. 28-48, 2013. Disponível em: <http://www.cybercrimejournal.com/Bishop2013janijcc.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

BOWIE, D. 20th century music – David Bowie. [Entrevista cedida a Jeremy Paxman]. **BBC Newsnight**, 2016. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FiK7s\\_0tGsg](https://www.youtube.com/watch?v=FiK7s_0tGsg). Acesso em: 19 fev. 2021.

BUCKELS, E. E.; TRAPNELL; P. D.; PAULHUS, D. L. Trolls just want to have fun. **Personality and Individual Differences**, Amsterdã, v. 67, p. 97-102, set. 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0191886914000324?via%3Dihub>. Acesso em: 10 jul. 2021.

CONWAY, M.; SCRIVENS, R. ; MACNAIR, L. Right-Wing Extremists' Persistent Online Presence: History and Contemporary Trends. **International Centre for Counter-Terrorism**, Haia, p. 1-24,



Nov. 2019 . Disponível em:  
<https://icct.nl/app/uploads/2019/11/Right-Wing-Extremists-Persistent-Online-Presence.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2021.

ECO, U. **Ur-Fascism**. Nova Iorque, 22 jun. 1995. Palestra proferida na Universidade de Columbia. Disponível em:  
<https://sites.evergreen.edu/politicalshakespeares/wp-content/uploads/sites/226/2015/12/Eco-urfascism.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2021.

H DRONE. **Capture the Flag HWNDU**. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=W6uGP8hHwrQ>. Acesso em: 19 fev. 2021.

H DRONE. **HWNDU Flag Comes Down**. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=RVqExnY9pTY>. Acesso em: 19 fev. 2021.

HOCKSTEIN, E. Trump supporters set off colored smoke. **The Washington Post**. 2021. 1 fotografia, color., 1800 x 1196 px. Disponível em:  
<https://www.washingtonpost.com/graphics/photography/2021/01/06/photos-scene-capitol-dc/>. Acesso em: 18 fev. 2021.

KEKISTAN. In: **Know Your Meme**. 2021. Disponível em: <https://www.knowyourmeme.com/memes/kekistan>. Acesso em: 18 fev. 2021.

KRANGZ. **he will not divide us BEST TROLL MOMENTS ★**. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=kTnpujbpNY>. Acesso em: 19 fev. 2021.

LAGORIO-CHAFKIN, C. **We Are the Nerds: The Birth and Tumultuous life of Reddit, the Internet's Cultura Laboratory**. Nova Iorque: Hachette Books, 2018. E-book.

MOON MAN. In: **Know Your Meme**. 2021. Disponível em:  
<https://knowyourmeme.com/memes/moon-man>: 19 fev. 2021.

NEVIN, A. D. **Cyber-Psycopathy: Examining the Relationship between Dark E-Personality and**

**Online Misconduct**. 250 f. Monografia de graduação (Sociologia) - Universidade de Ontário Ocidental, London (ON, CA), 2015.

PRINCE, M. Terminating Service for 8Chan. **Cloudflare**, São Francisco, 4 ago. 2019. Disponível em: <https://blog.cloudflare.com/terminating-service-for-8chan/>. Acesso em: 13 jul. 2021.

ROSS, J. 'It's okay to be white' signs and stickers appear on campuses and streets across the country. **The Washington Post**, Washington, nov. 2017. Disponível em:  
<https://www.washingtonpost.com/news/post-nation/wp/2017/11/03/its-okay-to-be-white-signs-and-stickers-appear-on-campus-and-streets-across-the-country/>. Acesso em: 19 fev. 2021.

SIQUEIRA, F.; GUIMARÃES, C. Em fórum extremista, atiradores pediram 'dicas' para atacar escola. **R7**, São Paulo, 13 mar. 2017. São Paulo. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/em-forum-extremista-atiradores-pediram-dicas-para-atacar-escola-13032019>. Acesso em: 15 jul. 2021.

SWALLES, V. When the O.K. Sign Is No Longer O.K. **The New York Times**, Nova Iorque, dez. 2019. Disponível em:  
<https://www.nytimes.com/2019/12/15/us/ok-sign-white-power.html>. Acesso em: 19 fev. 2021.

TARRANT, B. The Great Replacement. **Roma: Il Foglio**, 2019. Disponível em: [https://img-prod.ilfoglio.it/userUpload/The\\_Great\\_Replacementconvertito.pdf](https://img-prod.ilfoglio.it/userUpload/The_Great_Replacementconvertito.pdf). Acesso em: 19 fev. 2021.

TUTERS, M.; HAGEN, S. (((They))) rule: Memetic antagonism and nebulous othering on 4chan. **Thousand Oaks**, v. 22, n. 2, p. 2218–2237, 2020. Disponível em:  
<https://doi.org/10.1177%2F1461444819888746>. Acesso em: 18 fev 2021.

VICE News. How 8chan Became The Worst Place. **The Internet I VICE News Tonight Special Report**. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=Kerg2rrIdAU>. Acesso em: 13 jul. 2021.



WHAT DO YOU THINK ABOUT NAZIS. /pol/ - Politically Incorrect. 4chan. [S.1], 2021. <https://archive.4plebs.org/pol/thread/320969512/>. Acesso em: 15 jul. 2021.

## AGRADECIMENTOS

Devo manifestar aqui meu agradecimento à professora e doutora Priscila Piazzentini Vieira (UFPR). Ela, sendo minha orientadora em pesquisa, muito tem contribuído para os esforços e estudos que realizei até agora sobre a área.

Como citar este artigo:

SCHONS, Victor H. M. Fascismo virtual, ódio e... memes: discurso de ódio e fascismo na /pol/. **Revista Multidisciplinar de Estudos Nerds/Geek**, Rio Grande, v.2, n.3, p. 44-58, jan.jun. 2021.